**A participação da mulher serrana no desenvolvimento rural de São Francisco de Paula-RS.**

Amanda Scalcon Bittencourt – FACCAT

Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr - FACCAT

**Resumo**

 O setor Rural é uma área que está em constante crescimento e não envolve apenas as questões de agronegócios e de grandes produtores rurais. Muitas famílias conseguem ter uma renda através do Turismo Rural, o qual por sua vez, é próprio de pequenas comunidades rurais descendentes de imigrantes, as quais vêm tendo uma maior visibilidade a âmbito estadual. O desenvolvimento rural na região serrana do Estado do Rio Grande do Sul, mais especificadamente no município de São Francisco de Paula, se deu a partir da chegada dos imigrantes ao estado e da sua colonização. Muitos não sabem, mas há muitas mulheres que tomam a frente de grandes fazendas produtoras de alimentos, além de plantar e colher, são responsáveis pela venda dos seus produtos, fazendo uso de novas tecnologias e principalmente das redes sociais, mostrando todo o processo pelo qual passa, até chegar ao produto final e assim, destacando o quão importante é o trabalho e responsabilidade da mulher para o rural. Desta forma, a pesquisa procura percorrer a trajetória destas práticas na região serrana de São Francisco de Paula, aprofundando o debate sobre os processos que caracterizam estas práticas culturais, realizadas por moradores da comunidade. Através deste debate, buscamos relacionar as categorias de gênero, etnia e produtores, procurando melhor compreender como o Desenvolvimento Rural vem sendo realizado e quais os sentidos e a importância do papel da mulher para o crescimento desse setor tão importante.

 **Palavras-chave:** Mulheres – serra gaúcha – descendentes – rural – crenças.

**Abstract**

The Rural sector is an area that is constantly growing and does not only involve issues of agribusiness and large rural producers. Many families are able to earn an income through Rural Tourism, which in turn is typical of small rural communities descended from immigrants, which have been gaining greater visibility at the state level. Rural development in the mountainous region of the State of Rio Grande do Sul, more specifically in the municipality of São Francisco de Paula, took place from the arrival of immigrants to the state and its colonization. Many do not know, but there are many women who take charge of large food producing farms, in addition to planting and harvesting, they are responsible for selling their products, making use of new technologies and especially social networks, showing the entire process by which passes, until reaching the final product and thus, highlighting how important the work and responsibility of women is for rural areas. Thus, the research seeks to follow the trajectory of these practices in the mountain region of São Francisco de Paula, deepening the debate on the processes that characterize these cultural practices, carried out by residents of the community. Through this debate, we seek to relate the categories of gender, ethnicity and producers, seeking to better understand how Rural Development has been carried out and what are the senses and the importance of the role of women for the growth of this very important sector.

**Keywords:** Women - serra gaúcha - descendants - rural - beliefs.

**1 Introdução**

Cabe ao historiador, mostrar diferentes maneiras de ver situações do nosso cotidiano e acontecimentos do passado, temos em vista de que a História em si não muda, ela repete seu ciclo de tempos em tempos com outros personagens. Nosso ofício requer humildade de coração e a abertura da mente, isto é indispensável para que possamos compreender a História, a qual tem como uma de suas principais funções, mostrar a trajetória da humanidade, não deixando valores, tradições e crenças se perderem com o tempo.

Quando se fala em desenvolvimento rural a primeira coisa que vem à mente são extensas propriedades, produtoras de gado ou de alimentos e que em sua maioria, são administradas ou dirigidas por homens. O setor Rural é uma área que está em constante crescimento e não envolve apenas as questões de agronegócios e de grandes produtores rurais. Muitas famílias conseguem ter uma renda através do turismo rural, o qual por sua vez, é próprio de pequenas comunidades rurais descendentes de imigrantes, as quais vêm tendo uma maior visibilidade a âmbito estadual.

O desenvolvimento rural na região serrana do Rio Grande do Sul, mais especificadamente no município de São Francisco de Paula, se deu a partir da chegada dos imigrantes em nosso estado e da sua colonização. Indo mais fundo no assunto, vemos que nas comunidades italianas da serra gaúcha, muitas famílias conseguiram ter melhores condições de vida, através da produção de uvas e vinhos de forma artesanal, onde posteriormente tiveram a iniciativa de se unirem e criarem cooperativas nessas áreas. Já os agricultores familiares, os quais são peça fundamental para o desenvolvimento rural e agrícola e, principalmente, para fornecerem os alimentos que são revendidos na CEASA e vai parar na mesa da população gaúcha ou da brasileira, além de produzirem seu próprio alimento.

Desta forma, a pesquisa procura percorrer a trajetória destas práticas na região serrana de São Francisco de Paula, aprofundando o debate sobre os processos que caracterizam essas práticas culturais, realizadas por moradores da comunidade. Através deste debate, buscamos relacionar as categorias de gênero, etnia e produtores, procurando melhor compreender como o Desenvolvimento Rural vem sendo realizado e quais os sentidos e a importância do papel da mulher para o crescimento desse setor tão importante.

O presente artigo tem como objetivo, analisar a participação da mulher serrana no que diz respeito ao âmbito rural da região, os principais setores em que atua e as principais atividades que desenvolvem, além de fazer uma breve análise sobre os pontos positivos e negativos encontrados pelas mulheres no desenvolvimento rural da região.

 Estudar sobre as mulheres e sua inserção nos principais setores do desenvolvimento rural da localidade do Rincão dos Kroeff, distrito da cidade de São Francisco de Paula, localizado na serra gaúcha, se faz necessário, não apenas por aprofundar-se no que tange o setor rural, mas também por tratar-se de uma localidade de imigrantes italianos que tiveram essa prática inserida já com a chegada dos primeiros imigrantes que ali se estabeleceram e já trouxeram consigo o amor e as técnicas para os diversos tipos de plantio, como uma herança de pai para filho ou até de avô/ avó para neto (a).

Tendo como ponto de partida os saberes desenvolvidos, aprimorados e mantidos e a inserção das mulheres no meio rural, que nossa pesquisa insere-se, desta forma, vindo a perceber suas memórias, construções históricas e principalmente as contribuições que deram para a formação da sociedade em qual estão inseridas. Ao termos as práticas e participação fundamental das mulheres na produção rural como as principais fontes de pesquisa, devemos tratar as memórias dessas pessoas de forma fundamental e com tal importância, da mesma forma que o historiador trata as fontes e os fatos históricos.

**2** **A imigração italiana na Serra Gaúcha**

Os imigrantes italianos, chegados ao Rio Grande do Sul a partir de 1875 para dar início à colonização agrícola do nordeste e do centro do Estado, haviam saído de um país recentemente unificado, no qual a construção de uma identidade nacional ainda estava em curso. Aqui, no contato com outras etnias, abandonaram a identificação coletiva que os ligava às aldeias de origem em favor de uma identidade étnica italiana.

Desde o início da colonização, esses colonos estavam privados de toda a assistência religiosa, pediam que sacerdotes fossem viver no meio deles (alguns padres italianos que aqui chegaram vieram para atender aos pedidos insistentes e algumas vezes até dramáticos que os imigrantes faziam. Desta forma partilhando de sua vida e guardando viva em seus corações a fé e o respeito a todos os seus entes queridos que já haviam partido, através do culto aos mortos, assim, os sacerdotes lhes trazia muitas lembranças de sua pátria, a Itália, que por vez estava tão distante deles.

Os imigrantes italianos que estavam chegando ao nosso estado, vieram em busca de uma melhora em sua perspectiva de vida tanto social quanto financeira, saíram da sua terra natal onde já viviam na sua maioria em condições um tanto precárias, passavam por grandes necessidades. Ao chegarem ao Brasil e se estabelecerem no Rio Grande do Sul na serra gaúcha, os recém-chegados imigrantes tiveram que se adaptar a uma nova realidade. construir suas habitações, abrir caminhos e manter suas tradições que trouxeram em suas malas juntamente com poucas peças de roupas, algumas fotografias, mudas de vinhedo e muitos conhecimentos e histórias para contar em sua lembrança.

Conhecer e produzir uma história capaz de apreender as diferentes instâncias da realidade de comunidades rurais, sem incorrer em equívocos de uma historiografia convencional, reconhece-se a necessidade de inserção na dinâmica cultural da comunidade para compreender a participação dos sujeitos nos processos históricos. (Montenegro, 2004, p. 68)

Falar sobre questões que estão relacionadas ao que se pode chamar de “cultura popular” é algo que se faz necessário, tanto pelo fato de que destaca características de uma dada população, aglomerado de pessoas ou povo, que desenvolveram técnicas e fazeres que se propague por todo um tempo. Desta forma, sofrendo adaptações que chegam aos “nossos dias”, quanto por nos fazer compreender melhor quem realiza tais atividades, além de não deixar com que essas memórias sejam esquecidas com o passar dos anos.

**3 São Francisco de Paula e um pouco da sua história**

Para que se possa compreender um pouco melhor a formação e a história na qual o Rincão dos Kroeff e São Francisco de Paula estão inseridos, devemos voltar no tempo, mais precisamente em meados de 1600, cerca de 300 anos antes das ondas imigratórias. O chamado “Município Mãe”, ou seja, o município que deu origem a formação dos demais, é Santo Antônio da Patrulha, que nos anos 1600 era conhecido como Guarda Velha. Este recebeu tal denominação devido a uma ordem da Coroa Portuguesa, para que fosse feita a instalação de uma guarda para controle da passagem de pessoas e animais, a qual foi uma das primeiras guardas do sul da colônia.

Durante muito tempo o gado era levado pelo litoral, costeando até Laguna em Santa Catarina e depois por outro caminho até São Paulo, como o movimento das tropas era grande e o tempo que se levava era demorado devido ao longo caminho. Essa intensa movimentação fez com que por volta de 1731, o caminho para as tropas fosse melhorado, assim surgindo uma nova rota.

Essa rota que havia sofrido melhorias ia da Guarda Velha, passando pela Serra Geral (atual Serra do Umbu), seguindo por dentro do atual município de São Francisco de Paula, mais precisamente pela Avenida Júlio de Castilhos (há um monumento aos tropeiros nesse local). Seguia pela atual ERS 020, passando por Vacaria dos Pinhais (atual município de Vacaria) e indo até Santa Catarina. Onde posteriormente eram enviados para São Paulo ou Minas Gerais.

Essa região também foi chamada de “Caminho dos Tropeiros” e “Serra Velha” e sempre teve grande importância para a Coroa. Por ali transitavam as tropas de gado e cavalos, entre outros animais, que eram de grande importância devido ao seu uso na região de São Paulo e Minas Gerais nas atividades mineradoras.

Devido a essa intensa movimentação, não demorou muito para que fossem surgindo povoados e gente interessada em adquirir as Sesmarias aos redores dessa via. Pedro da Silva Chaves foi o Capitão que comprou as terras onde atualmente é o município de São Francisco de Paula. Como o mesmo era muito devoto ao santo São Francisco de Paula, doou o terreno e algumas cabeças de gado para que fosse construída a igreja e assim entronizou o santo.

Em 1835 o lugar ficou conhecido como Capela de Cima da Serra, anteriormente era chamado de Povoado de Cima da Serra e em 1856, pela lei provincial nº 226, em 30 de novembro, a localidade de Capela de Cima da Serra foi elevada a Freguesia de Cima da Serra, mas ainda pertencia a Santo Antônio da Patrulha. No ano de 1878, foi elevada a categoria de Vila, ficando denominado de São Francisco de Paula de Cima da Serra, dez (10) anos depois em 1889, através da lei nº 1.750 foi mandada sua extinção e anexação ao Município de Taquara do Mundo Novo. Porém, em dezembro do mesmo ano, o estado revogou a lei através do ato nº 26. Já em 1892, novamente o município é anexado a Taquara através do ato nº 302 e pelo decreto nº 563 de 23 de dezembro de 1892, definitivamente São Francisco de Paula foi estabelecido como município. Após uma trajetória um tanto quanto conturbada, o município de São Francisco de Paula atualmente é chamado carinhosamente de “São Chico” pelo seu povo.

**4 Rincão dos Kroeff: uma localidade de imigrantes e descendentes italianos, fundada por imigrantes alemães**

Sabendo-se que anteriormente aos anos de 1871, a Alemanha como país não existia, mas sim reinos, entre os quais podemos destacar Prússia, Boêmia, Áustria e Bavária. Entre os anos de 1821 e 1871 as guerras Napoleônicas (1821), Socialistas (1848) e as de Unificação (1871), trouxeram fome, devastação e morte, além das altas taxas de impostos, a escassez de terras, o serviço militar obrigatório e as famílias numerosas tornavam a vida das pessoas praticamente impossíveis de serem vividas com um mínimo de dignidade.

Outra grande influência foi a Revolução Industrial, que devido à mecanização intensiva tiravam o emprego de muitos camponeses, que haviam saído de suas localidades em busca de uma melhor vida. Essas mudanças e o processo de colonização e ocupação do território brasileiro, o qual estava sendo feitas propagandas grandiosas, onde falavam de um novo País, farto em território, árvores das mais diversas frutas e matas para serem derrubadas. Assim dando lugar as lavouras, despertaram o interesse de cerca de 200 mil pessoas, as quais saíram da Alemanha em busca de uma vida melhor.

Dentre tantos imigrantes, quem teve grande importância para a localidade foi Jacob Kroeff e sua família, que ao chegarem ao território brasileiro, passaram por uma espécie de quarentena, onde os oficiais responsáveis certificavam-se de que os imigrantes recém-chegados não portavam nenhum tipo de doença. Jacob Kroeff Filho, foi o mais interessado em seguir os passos do pai nos negócios, começou a trabalhar como açougueiro e logo fundou o seu próprio matadouro. Ao ver que seus negócios estavam prosperando, em janeiro de 1914 Jacob Kroeff Filho passou a comprar terras no alto da serra gaúcha, que na época era chamado de São Francisco de Cima da Serra. Atualmente a grande maioria das terras por ele adquiridas compõe a localidade do Rincão dos Kroeff e o restante compõe a localidade do Potreiro Velho.

Por ter sido um homem de destaque no meio social em que estava inserido, esteve sempre envolvido na política, era um cidadão de respeito e com grandes posses. Fez doações consideráveis para a igreja, para que assim pudessem ser construídos cemitérios e capelas. Sempre buscou ajudar a comunidade e os recém-chegados no que podia, além de seu nome ser encontrado em registros sobre a Guerra dos Mucker no morro Ferrabrás em Sapiranga.

**5 O contexto histórico e a mulher no decorrer dos anos**

Por um longo período a mulher viveu na escuridão da história, vivendo praticamente trancada e limitada ao ambiente doméstico, não era vista como participante ou construtora da história e passava despercebida pelos acontecimentos e fatos, não opinava e tão pouco decidia. Na maioria das vezes, “elas mesmas, mergulhadas em silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas, por muito tempo desprezaram a importância da sua história” (PINSKY, 2007, p.10) e permaneceram ocultas por alguns séculos, passando como espectadoras pelos acontecimentos.

Qualquer historiador, ou jornalista-historiador, está na posição do “grande homem” nietzscheano, potencial criador do passado a ser lembrado e estudado, e de pertinentes “momentos decisivos”. A História é um campo mutante, indefinido, como definiu Nietzsche na conclusão do aforismo já citado: “Não há como ver o que ainda se tornará história.” Talvez o passado esteja ainda essencialmente por descobrir! Tantas forças retroativas são ainda necessárias. (GRIJÓ, 2004, p. 247).

 Primeiramente, as mulheres viviam longe do espaço público, “o único que, por muito tempo merecia interesse e relato” (PERROT, 2007, p.16), passavam seus dias dentro de casa, se dedicando aos seus cuidados e afazeres, assim não eram vistas pela sociedade e, portanto não precisavam ser citadas, eram invisíveis e estavam “destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução” (PERROT, 2007, p.16).

 Michelle Perrot destaca a falta de fontes registradas por elas, isso devido aos poucos vestígios diretos, materiais e escritos devido ao acesso tardio a escrita e muito do que se perdeu foram praticamente apagados por elas, pois acreditavam ser desinteressantes. “Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito” (PERROT, 2007, p. 17), perderam-se assim, muitas informações precisas que possibilitariam uma melhor compreensão sobre o assunto.

Com o decorrer das décadas, os historiadores passam a ser cativados pelo assunto “mulheres”, surgindo à necessidade de se pesquisar e escrever sobre sua história, buscar saber como pensavam, viam ou sentiam, uma tentativa de desvendá-las. É importante destacar que o interesse pela história das mulheres teve seu despertar em 1960, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, onde a “mulher” passa a ser objeto de estudo nas áreas das ciências humanas e na história particular. Já nos anos 1970, a mulher passa a ser analisada nas questões que a ligam a família, a natalidade, o casamento, colocando-as como sujeitos da história, sendo agora sua presença percebida nos estudos realizados por Philippe Ariès (1977), Georges Duby (1981) e Michel Foucault (1976).

 Os fatores sociológicos também foram responsáveis pela maior participação das mulheres na história. Foi através do acesso ao ensino universitário, onde por tanto tempo foram indesejáveis, que a mulher passa a receber mais destaque e popularidade. Pois, começa a dominar um espaço anteriormente destinado e predominado por homens. Diferentemente do que aprendemos na escola, a questão de gênero vai além dos sinônimos utilizados para diferenciar o sexo feminino do masculino. “Gênero tem sido, desde a década de 70, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual” (SOIHET, 1997, p.63), sendo utilizada inicialmente por feministas americanas na tentativa de acentuar as diferenças baseadas no sexo.

 Estudiosos utilizam o conceito de gênero para fazer “referência a uma construção cultural: é uma forma de enfatizar o caráter social e, portanto, histórico, das concepções baseadas nas diferenças sexuais” (PINSKY, 2009, p.31). A própria sociedade acaba interferindo nestas diferenças sexuais, estabelecendo padrões e características que definem os comportamentos e personalidades ideais e condizentes com cada sexo.

O que há são construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas, normalmente cabendo aos homens as posições hierárquicas mais elevadas, enquanto as mulheres são reservadas as posições menos privilegiadas. (SILVA, 2005, p.168).

 O “gênero trata da construção social da diferença sexual” (PINSKY, 2009, p.32), é o que se entende sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, o que é feminino e masculino, os papéis desempenhados por cada um e o papel de ambos.

Ao abordar qualquer tema de gênero, necessariamente observamos uma relação. As investigações sobre a História das Mulheres ou a condição feminina em uma determinada época, por exemplo, necessariamente remetem ao estudo do papel dos homens ou das representações da masculinidade. Um “lado” só pode ser compreendido se comparado com o outro e, mais do que isso, num movimento de interação. E, se o feminino existe relacionado ao masculino, qualquer definição ou redefinição de um deve levar em conta o outro. (PINSKY, 2009, p.34).

 O masculino e o feminino são gêneros diferentes, com características e limitações próprias, mas que se completam, se moldam um ao outro, para compreender um, é preciso conhecer e compreender o outro. Freud já afirmava que “os homens e as mulheres são mais ou menos espelhos uns dos outros” (GONÇALVES, 2006, p. 72).

Embora a questão de gênero por vezes seja focada no ponto sexual, o gênero também interage em outros aspectos da sociedade como a classe social e os status familiares, permitindo compreender as diferenças nas relações sociais como um todo e não somente a relação entre homens e mulheres. Pesquisas feitas por historiadores apresentam que as

Concepções de gênero afetam as relações entre pessoas e grupos de pessoas não só quando se trata de relacionamento entre mulheres e homens. Estão presentes, por exemplo, nas instituições militares, no trato entre pai e filho, entre mulheres e mulheres (como mãe e filha, senhora e escrava, professoras e alunas). Estão presentes também nas ocupações profissionais, nas políticas públicas, nas artes, nos discursos científicos e filosóficos, nas ideias de cidadania. (PINSKY, 2009, p.36).

 O gênero também pode ser utilizado nas questões de etnias e raças, em que uma se julga soberana a outra, temos como exemplo deste fenômeno na história os nazistas, que creditavam na superioridade alemã e buscaram eliminar as supostas raças inferiores, buscando demonstrar desta maneira a “concepção de gênero para legitimar as relações de poder” (PINSKY, 2009, p.37).

Entendemos que estas relações de poder muitas vezes também são utilizadas para explicar a discriminação do gênero, como a distribuição de renda diferente entre as classes de pessoas e acessos a conhecimentos e tecnologia, pois só uma minoria tem esta oportunidade. Assim são qualificadas como pessoas melhores ou mais poderosas, superiores a quem não compartilha da mesma possibilidade, portanto exercendo relações de superioridade e poder sobre elas.

 A ideia da discriminação de gênero pode ser constatada na obra de Peter Burke, onde ele apresenta o gênero feminino e sua participação na escrita da História como que quase completamente “invisíveis” para os historiadores. Ele afirma que boa parte do trabalho desempenhado pela mulher “não foi registrada nos documentos oficiais” (BURKE, 2002, p.77) porque estas pesquisas e trabalhos eram encomendados e realizados por homens, portanto sem a necessidade de perpetuar os feitos femininos.

 Somente com os movimentos feministas as mulheres passaram a ser vistas com outros olhos, como autora, participante dos assuntos históricos e como possibilidade de contribuição para a escrita da história das gerações passadas “a história a partir da base, a história da mulher oferece nova perspectiva sobre o passado, cujas consequências ainda não foram estimadas” (BURKE, 2002, p.76).

Burke (2002) afirma ainda, que existe muito a ser pesquisado pelos historiadores baseados na participação histórica das mulheres, que se sentem e se apresentam como esquecidas. Deixadas de lado por muito tempo na trajetória da construção da historiografia, elas têm muito a relatar para compensar o longo período de esquecimento e desprezo.

**6** **A mulher imigrante e a sua participação**

As mulheres imigrantes italianas no sul do Brasil ficaram, durante muitos anos em segundo plano na historiografia regional e estadual. Porém, o que poucos sabem, é que elas foram e ainda são responsáveis pelo desenvolvimento do comércio de muitas cidades da região serrana do Rio Grande do Sul e pelo sustento de sua família. Esse seu trabalho e participação direta, fazem com que o papel social das mulheres, como o das imigrantes e de suas descendentes no sul do Brasil, ganhe visibilidade, principalmente no que diz respeito à construção de sua identidade.

Percebemos que nas comunidades italianas da serra gaúcha, o papel exercido pela mulher italiana ia muito além dos afazeres domésticos. Essas mulheres trabalhavam nas plantações da família, cuidavam dos filhos, algumas contra a vontade da família trabalhavam no comércio, abrindo suas mercearias, lojas de secos e molhados. Além daquelas que seguiam a profissão de professor e inovavam na área, tendo que aprender a lidar com uma sociedade que tinha preconceito com as mulheres que exerciam profissão fora do lar.

Assim, a pesquisa procura percorrer a trajetória destas mulheres nas comunidades ítalo-brasileiras, aprofundando o debate – a partir dos registros da oralidade – sobre os processos que caracterizam estas práticas culturais, além de mostrar o papel que essas mulheres exerceram para serem responsáveis por auxiliar no desenvolvimento regional. Essas mulheres italianas e ítalo-sul-rio-grandenses tiveram que superar obstáculos que eram impostos por suas famílias patriarcais, que lhes impunham valores e modelos a serem seguidos, principalmente do comportamento que deviam seguir tanto referente à sua vestimenta, quanto a forma de relacionamento com os homens.

As mulheres imigrantes italianas viviam em uma sociedade que valorizava a vida familiar e o ambiente doméstico. As moças eram criadas e ensinadas desde sua infância para estarem preparadas e aptas para cumprirem o importante papel de esposas e mães, enquanto os pais estavam trabalhando nas plantações, as moças deveriam tomar conta da casa, cuidando dos irmãos mais novos e realizando todas as prendas domésticas. Essas moças deveriam seguir um rígido padrão de comportamento exigido e ditado pela sociedade, aos quais as famílias desempenhavam papel fundamental, pois seriam as responsáveis por manter o controle sobre as atitudes e comportamentos dessas jovens imigrantes, que deveriam ser exemplares e submissas ao marido ou ao pai.

 As imigrantes italianas e suas descendentes tinham seu projeto de vida baseado em constituir uma família, casando-se com um bom homem, onde na maioria das vezes esse matrimonio era arranjado pela família ou em servirem a vida religiosa, onde os pais mandavam a filha para conventos. Esses imigrantes acreditavam ser uma divida divina que eles tinham com Deus, e aos olhos da pequena sociedade de imigrantes italianos na Serra Gaúcha em São Francisco de Paula, tornava-se um status social ter uma filha ou filho servindo a Deus.

Nem todas as mulheres imigrantes seguiram a risca o que lhes era imposto, algumas fugiram do convento, outras assim como seus pais, irmãos e maridos, queriam trabalhar nas plantações, para assim ajudarem no sustento da casa, ainda havia as que benziam e mantinham essa herança que receberam de seus antepassados.

**7 O contexto rural e a participação das mulheres**

Ao longo das pesquisas e estudos, sobre as mulheres na localidade do Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula-RS, podemos ver claramente que algumas famílias são matriarcais. Onde além de realizarem todos os trabalhos domésticos, a maioria das mulheres exerce importante papel no campo e nas plantações, desde o plantio de batata até mesmo a colheita do pinhão, os quais são o fruto das araucárias e tem grande importância para o desenvolvimento da região serrana.

Sempre é importante enfatizar que São Francisco de Paula é o município que tem o maior índice de produção de pinhão no Estado do Rio Grande do Sul, e isso faz com que tanto a cidade quanto os produtores, tenham um lucro considerável através da sua venda, até mesmo no mês de junho ocorrendo a já conhecida Festa do Pinhão.

Para que fosse possível a realização desta pesquisa, foram entrevistadas duas mulheres da localidade do Rincão dos Kroeff- São Francisco de Paula-RS, mas ao total é possível encontrar cerca de vinte mulheres entre Vinte e Setenta anos que exercem o ofício de Produtoras Rurais, fora as que exercem essa função, mas, em plantios menores, considerados apenas para consumo familiar.

“A mulher é a peça fundamental para o bom desenvolvimento da Agricultura e do Rural, aqui no Rincão e em São Francisco principalmente. A mulher é mais delicada, cuidadosa, além de cuidar da casa e dos filhos, a gente vai pra lavoura, planta, colhe, ajuda a carregar caminhão, a mulher é bem mais dedicada e cansa menos e olha que a gente pega no pesado igual eles...” (Srª S. M. agricultora e professora aposentada);

As mulheres sempre tiveram papel fundamental na comunidade do Rincão dos Kroeff, desde o início de sua formação com a chegada dos primeiros moradores, até os dias atuais. Sua participação ocorreu e ainda ocorre das mais diversas formas, desde seu papel no cotidiano doméstico, sendo provedora da família, cuidando dos serviços domésticos e da criação dos filhos, até sua lida no campo, com todo seu cuidado e amor ao trabalhar nas plantações.

-Cuidar os filhos

-Cuidar da Casa

- Trabalho Rural

- Mulher como engrenagem fundamental

MULHERES

No campo, as mulheres representam em média 43% da força de trabalho e um quarto da população mundial no meio rural. Essa participação da mulher é de extrema importância, justamente, por ser por meio da construção de um sindicalismo. Com a participação efetiva da mulher que se dará a garantia nas relações de gênero, na igualdade de oportunidades e direitos, sendo fundamental no combate a violência e o machismo na sociedade, além da colaboração para o desenvolvimento rural e no plantio.

A mulher tem papel fundamental e uma visão mais aguçada para o reaproveitamento, assim evitando o desperdício excessivo do que é cultivado. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), aponta que se as mulheres agricultoras tivessem o mesmo tipo de acesso que os homens, a produção nos países em desenvolvimento aumentaria 4%, e ainda, seria possível reduzir em 17% o número de desnutridos, o que representa aproximadamente 150 milhões de pessoas.

“Tem quem não valoriza nós mulheres como realmente merecemos, quando a gente é pequena aprende que tem que cuidar da casa e dos filhos, enquanto o marido trabalha... Mas eu por exemplo, sempre trabalhei na roça, na agricultura, plantando, colhendo, estudava e depois ia plantar. Pra gente que tem pouco estudo é uma maneira de ajudar no sustento, sempre ajudei o marido, até hoje, vou e dirijo os caminhão até a entrada do Rincão, onde troco o carregado e pego o vazio e assim a gente vai indo... assim a gente pode ajudar nos estudos dos guri...” (N.L agricultora);

Durante anos as pessoas têm mantido enraizadas em seu pensamento, que trabalhar na agricultura é algo apenas para pessoas “burras”, quem tem pouco estudo ou que não sabem fazer outra coisa, podemos ver isso nas conversas com os moradores do Rincão dos Kroeff e até mesmo com quem mora na cidade. Muitos almejam sair do local para estudar, assim abrindo novos horizontes e tem quem volte e aplique ali todos os conhecimentos que foram adquiridos, assim dando maior visibilidade para a agricultura local, mudanças essas perceptíveis no setor da agricultura, sempre em evolução.

O Rincão dos Kroeff sempre foi muito importante para o desenvolvimento da região serrana do Rio Grande do Sul, principalmente no que tange a agricultura. Em meados da década de 70, a localidade foi considerada o maior produtor agrícola da região serrana, sendo responsável tanto por fornecimento de verduras e legumes diariamente ao CEASA, até mesmo de gado para o estado.

Desde sua fundação, o Rincão dos Kroeff sempre teve a participação assídua das mulheres nas mais distintas áreas do setor rural e mesmo com o passar dos anos e a chegada do desenvolvimento moderno das cidades da região serrana, além da tecnologia, elas continuam tendo participação assídua. O agronegócio também é gerenciado por mulheres!

**8 Considerações finais**

As mulheres merecem respeito e total valorização, pois independente de qual a área que estão atuando, elas sempre foram peça fundamental, dando leveza, amor e muito empenho em tudo o que fazem. Desde sempre, **a presença da mulher no campo é importante,** mas foi recentemente que o devido reconhecimento está sendo dado a elas.

A luta pelos direitos das mulheres, principalmente do campo, ainda é longa. Para a Contraf Brasil (Central Única dos Trabalhadores do Ramo Financeiro), essa pauta é permanente. Na maioria das vezes a mulher não tem sua participação devidamente valorizada, não nos referindo apenas ao meio rural, mas em todos os outros setores em que atua arduamente, porém, ainda em pleno século XXI fica escondida a sombra dos homens.

 Muitos não sabem, mas há muitas mulheres que tomam a frente de grandes fazendas produtoras de alimentos. Além de plantar e colher, elas são responsáveis pela venda dos seus produtos, fazendo uso de novas tecnologias e principalmente das redes sociais, atuando em todo o processo, até chegar ao produto final e, assim, destacando o quão importante é o trabalho e responsabilidade da mulher para o rural.

Entre idas e vindas e uma rotina cansativa, as mulheres aos poucos vão ocupando um espaço maior e mostrando ainda mais a sua importância para cada área em que atuam. Durante séculos, as mulheres estavam fadadas apenas aos cuidados do lar e a “procriar”, com o passar dos anos e as inúmeras lutas feministas, conseguiam novas conquistas, novos setores que conseguiam participar, novos paradigmas quebrados e a esperança de tempos melhores, tanto para si quanto para as futuras gerações.

**REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Junior. **História a arte de inventar o passado- Ensaios de teoria da história**, Bauru- SP, EDUSC , 2007.

ALMEIDA, J. A. **Pesquisa em Extensão Rural:** um manual de metodologia. Brasília: ABEAS, 1989.

AZEVEDO, T. de. 1975. **Italianos e gaúchos:os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.**Porto Alegre, A Nação/Instituto Estadual do Livro, 310 p.

AZEVEDO, T. de. 1979. Pesquisa sobre a imigração italiana. *In:* T. de AZEVEDO, **Imigração italiana: estudos.** Porto Alegre,EST/Caxias do Sul, UCS, 279 p.

BAGLI, P. **Rural e Urbano:** harmonia e conflito na cadência da contradição. In: Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BAPTISTA, F. O. **O Rural depois da Agricultura. In: Desenvolvimento e Território:** espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer. Lisboa: M2 - Artes Gráficas, 2006. p. 85 - 105.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 51-68 (“A história, os homens e o tempo”).

BUFFÃO, Marcio Paffrath. **Muito prazer! Eu me chamo... Rincão dos Kroeff. Mais do que uma História, uma lembrança,** São Francisco de Paula- RS, Evangraf, 2011.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil.** Brasília: 2003.CONSTANTINO, N.S. de. 1991. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade Porto-Alegrense.** Porto Alegre, EST, 180 p.

GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs). **Capítulos de História do RS.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e Colonização- Legislação de 1747-1915***.* Caxias do Sul, EDUCS, 2001. 864p.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e Poder- A palavra oficial sobre os Imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul.**Caxias do Sul, EDUCS, 2010. 263p.

MOREIRA, R. J. **Terra, Poder e Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.MULHER É A VERDADEIRA PROTAGONISTA DO CAMPO E DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS. **CONTRAF Brasil;** Brasília – DF, 15/10/2018; Disponível em:<https://www.contrafbrasil.org.br/noticias/mulher-e-a-verdadeira-protagonista-do-campo-e-da-producao-de-alimentos-d317/>. Acesso em 18/04/2021 às 14:42.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. *In*: PINSKY, Carla B. PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469 – 509.

PINSKY, Carla Bassanez. Apresentação *In*: PERROT, Michelle (Org.). **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007. p.09 – 11.

PRIORE, Maria Del. **Histórias íntimas sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ZIMMERMANN, A. **Turismo Rural:** um modelo brasileiro. Florianópolis: Ed. do Autor, 1996.